

Arquivo de «Docum»
GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario: Alfredo Fertin de Vasconcellos

REDACTOR-PRINCIPAL: IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados: 10\$000 annuaes; paizes estrangeiros: 12\$000.

Redacção e administração: Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicacões, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

Os Cantos Escolares

E' tão extraordinario n'esta nossa terra que um jornal dedique a assumptos que interessam a arte uma columna das suas edições, que não podemos deixar de applaudir a *Gazeta de Noticias*, a qual refutando opiniões que demos no nosso artigo ultimo, sob o titulo *Ao Conselho Municipal*, dedicou a essa resposta o lugar de honra das suas columnas.

E porque nos agrada sobremodo discutir assumptos de tal ordem, assumptos que se relacionam á arte que na imprensa modestamente representamos, nós vamos responder á *Gazeta* pedindo venia para, antes de o fazermos, transplantar para esta folha o seu artigo, que d'esta forma aqui ficará archivado.

E' este o editorial em questão:

ONZE MIL CRIANÇAS ESGANIÇADAS

A *Gazeta Musical*, indubitavelmente nas melhores intenções, dedica o seu artigo de fundo, do seu ultimo numero, para pedir a suppressão do ensino da musica nas escolas primarias e nos jardins da infancia, que é, na opinião daquella folha, um attentado official e retribuido pelos cofres publicos, contras as vozes e a constituição organica das onze mil crianças que frequentam as escolas publicas.

E, esteiando-se no abandono em que o imperio teve sempre o ensino da musica entre nós, no pouco que, de musica entendiam os que

estavam á frente do ensino ; os inspectores escolares e mesmo a maior parte dos professores da especialidade, que regiam as cadeiras elementares de musica, pede que se estojem as vozes de onze mil crianças, até que passada a muda, sejam entregues aos verdadeiros professores de canto ou, então, a inclusão dos directores das escolas de bellas artes, como valvula de segurança dos desmandos que actualmente se dão ao ensino das artes, no conselho de intrucção publica, como membros consultivos.

Mucha doa bout nothing!

Nem ha necessidade de deixar musicalmente aphonics onze mil creanças pela degolação de tantas aulas de musica e solfejo sempre utilissimas, nem de distrahir o director do Instituto Nacional de Musica dos milhares de preoccupações de espirito, que lhe proporcionam a sua zelosissima probidade de funcionario e as multiplices difficuldades com que tem e terá de lutar ainda alguns annos para formar, quer no ensino elementar, quer no superior, um instituto digno do seu nome e da capital dos Estados Unidos do Brasil.

Todos os inconvenientes apontados pela *Gazeta Musical*, todos os *esganiçamentos* prejudiciaes, a que se tem submettido as crianças, na maior parte das escolas publicas e particulares até hoje, podem evitar-se, estabelecendo unicamente, para as aulas de solfejo, cujos alumnos, pela sua tenra idade, ainda têm a voz por formar, os exercicios, feitos no intervallo de uma nona, do *dó* na primeira linha suplementar inferior até o *ré* na quarta linha do pentagramma.

Com os solfejos em tal *tessitura*, não ha vozes que se estraguem e bastaria estabelecer para todas as aulas de musica destinadas ás crianças a nona edição dos *Solfejos*, de Garaudé (op. 27), para que as suas vozes ficassem preservadas na meninice e mesmo na idade de muda; porque a vocalisação, effectuada nos dominios d'este intervallo de nona, não prejudica nem as vozes as mais franzinas que, infelizmente, têm quasi todas as nossas crianças e mesmo grande parte das senhoras e dos homens.

Determinar que todos os exercicios de solfejo sejam executados entre a intensidade do *piano* e do *pianissimo*; obrigar os alumnos a respirar, como os solfejos de Garaudé prescrevem, por meio de apostrophes collocadas na terminação de cada membro melodico, não nos parece tarefa digna de occupar os directores de um instituto de musica de primeira ordem como é o nosso, nem difficuldade invencivel e que exija o encerramento das aulas de musica destinadas ás crianças, que devem sahir d'ellas, não cantores, mas solfejadores desembaraçados, na divisão e na entoação.

Pelo que respeita a incompetencia de alguns professores, que ensinam musica nas escolas primarias, não nos parece tambem que a intervenção do director do instituto de musica possa produzir qualquer effeito salutar. Em todos os tempos e em todos os paizes, os professores são, por vezes, admittidos, nos collegios particulares, tendo em vista, em primeiro logar, a modestia na sua exigencia de honorarios e, nas aulas publicas, tendo em consideração, não as suas reaes aptidões artisticas; mas o valimento de outros predicados. Isto succedeu sempre, succede e succederá por todo o sempre, emquanto houver... homens!

Demais, em materia canto, estamos atrazadissimos e exceptuando o actual professor de canto do Instituto, que ultimamente tem apresentado alumnos notaveis pela maneira de emittir o som, pelo sentimento e pelo correcto modo de phrasear, se bem que tenha exercido a sua aptidão com vozes absolutamente nullas, não teriamos quem arcasse consciosamente, com a prebenda de dirigir todos os professores das escolas de musica publicas e particulares.

Mas não ha que pensar n'isto ; uma vez que, para conservar esses resquicios de voz que possuem as nossas crenças, basta applicar-lhes os exercicios n'uma *tessitura* commoda, como é a do intervallo de nona indicado.

A *Gazeta Musical*, sempre solicita pelo desenvolvimento da arte musical no nosso paiz, deu vulto maior do que merecia, ao ensino do solfejo, nas escolas primarias e exigindo, para a sua fiscalisação, um vulto artistico, como deve ser e como é, o director do Instituto Nacional de musica.

Todos os males apontados pelo nosso dignissimo collega têm remedio, na applicação simples de uns solfejos moderados no campo da voz e, se por acaso a receita ainda não servisse, fiquemos com a consciencia descansada a tal respeito.

O dom da voz é um producto hereditario, talvez uma resultante da educação physica, das condições climatericas ou de outras causas, sobre que ainda não estão de accordo os mestres da materia.

Por emquanto, ainda as não tivemos, senão em estado de rarissima excepção e portanto :

Ninguém estraga o que não tem.

..

Permittam-nos os nossos illustres collegas da *Gazeta de Noticias* que façamos algumas considerações ao seu bem lançado artigo.

Nós absolutamente não nos reportámos á epocha da muda no nosso artigo e isto porque, se negamos competencia á maioria dos professores

das escolas primarias para conhecerem da *tessitura* apropriada ás creanças, muito mais competencia lhe negamos para conhecer da epoca da muda e para saber dos cuidados que se devem ter com as creanças em epoca tão critica,

Nós apenas dissemos — baseados na opinião de Morel Mackenzie, de Mattei e de tantos outros medicos a quem teem merecido cuidados especiaes o estudo da musica vocal — que era uma barbaridade o fazer-se cantar em coro as creanças de 4, 5, 6 e 7 annos, porque isto era contrario a todas as prescripções medicas e artisticas; dissemos — e não ha contestal-o — que isto era o atrophiamiento precoce de todas as vozes que de futuro podessem apparecer, e que a esthetica, a arte e a medicina soffriam com esse attentado diario a que assistimos nas escolas primarias de vermos creanças a *berrarem* coros impossiveis como forma, de *tessitura* impropria, em lingua desconhecida aos noveis cantores e sob direcção de mestres incompetentes. Dissemos tudo isto sem fallarmos na muda que vem posteriormente a esta idade. Dissemos tudo isto baseados nas prescripções hygienicas de medicos notaveis.

E a prova de que a razão está do nosso lado, é que o illustrado medico e probo intendente pela Lagôa, o Sr. Dr. Alfredo Barcellos, referindo-se á nossa modesta folha — que, seja dito entre parenthesis, alcu-nhou indevidamente de órgão do Instituto — disse em uma das passadas sessões do Conselho Municipal :

« Sr. Presidente, li em um jornal, creio que official, do Instituto Nacional de Musica, um protesto contra o ensino de musica ás crianças. sobretudo contra o ensino de canto.

Sempre fui entusiasta da musica, e sempre entendi, como os antigos spartanos que o canto, principalmente o patriotico, serve para insufflar o patriotismo na alma do povo e, especialmente, das crianças, que, como se sabe, são formadas de verdadeira cêra, que se amoldam facilmente ás insufflações dos sentimentos grandes, generosos e patrioticos. Mas, as ponderações, feitas no alludido jornal, fizeram-me, até certo ponto, reflectir, e realmente vi que nos jardins da infancia, absolutamente, não poderemos admittir o ensino da musica, que só póde ser neste caso, a da musica vocal, cantos ligeiros.

Pensei, pois, maduramente, sobre as observações feitas no jornal alludido, e convenci-me que de facto, uma criança, começando desde a idade de 6 a 7 annos a abusar do órgão vocal, as irritações produzem-se e podem affectar o larynge gravemente ou de um modo chronico e, quando menos, inutilisar até certo ponto as funcções deste órgão, quando não produzam mesmo lesões incuraveis ».

E depois de mandar á mesa uma emenda em que o periodo para os cantos escolares deve ser contado d'os 9 annos por diante, continuou S. Ex. :

« Repito, sou entusiasta da divina arte da musica, e acredito que os cantos patrioticos despertam enthusiasmo não só nas crianças como nos adultos.

E isto confirmado pelo que vimos na Suissa, onde os montanhezes são levados a guerra aos sons dos canticos patrioticos de sua terra. Na Allemanha, onde domina o enthusiasmo pela unidade da patria, existem, como se sabe, instituições coraes para toda a parte, e o canto patriotico constitue uma das diversões mais amadas do povo germanico. A Marsehesa foi o cantico sagrado que levou as hostes francezas da 1ª Republica á conquista da liberdade.

A' vista do exposto não quero que se supprima completamente os cantos coraes para as creanças ; mas, para prevenir abusos e os inconvenientes apontados, mando a seguinte emenda (*lê*).

Nós todos que temos ouvido cantar algumas criancinhas em escolas publicas e mesmo em collegios muitas vezes ficamos horrorisados vendo que as coitadinhas muitas vezes se esganiçam para poderem alcançar uma nota elevada que o seu órgão vocal ainda não póde alcançar. (*Apoiados*). Deste modo a criança esfalha-se e provoca o riso dos que a ouvem, e isto longe de enthusiasma-la, pelo contrario, a envergonha.

(*Ha um aparte do Sr. Capelli*).

Mas o meu collega sabe que quando as cordas vocaes não chegam a um certo ponto de desenvolvimento, necessariamente o esforço ha de ser fatal ao órgão em formação ».

Já vê o illustrado articulista da *Gazeta de Noticias* que é mais exigente o nosso programma de cantos escolares e que o seu Garaudé nos não satisfaz.

Nós queremos que aos nove annos se principie a ensinar rudimentos de solfejo aos alumnos das escolas primarias e que os exercicios de canto em coro sejam feitos em livros apropriados, quaes nós temos professores capazes de organizar, e que n'esses livros se attenda aos seguintes requisitos: musica nacional escripta em *tessitura* apropriada e de estylo facil e agradavel para as creanças ; letra sobre assumptos patrioticos que deem noções de civismo aos pequenos cantores ; professores escolhidos cujas habilitações technicas sejam reconhecidas pela escola official do ensino da musica no districto federal.

E não acha o nosso estimado collega que é facil de executar e altamente alevantado e patriotico o nosso ideal sobre cantos escolares ?

Com a maioria dos professores que temos de que valem os exercicios do Garaudé, se lhes negamos a competenciã para o ensinar?

De forma alguma pretendemos citar nomes e levar a questão para o terreno pessoal, mas o articulista da *Gazeta* sabe—e mais do que nós—o que até hoje se tem feito a tal respeito na nossa terra.

Sabe que existem livros de cantos escolares com a lettra em francez, inglez, italiano, latim e allemão e com a musica mais impossivel e anti-artistica de que pôde haver memoria!

Sabe-se que ha professores—e sabe-o por que assistiu a um attentado publico d'essa ordem—capazes de escreverem e ensaiarem um celebre *ra-ta-plan* cuja *tessitura* é propria do Tamagno, do Gayarre, da Borghi e da Fricci.

Sabe que é dever nosso batermo-nos por essa reforma dos cantos escolares, e só temos a lamentar que ao nosso lado não esteja tão esforçado batalhador.

Nós não demos *vulto maior do que merecia* a esta magna questão, porque entendemos que a falta de vozes que sentimos na nossa terra só vem da incompetencia dos professores que temos tido em primeiro lugar, e em segundo da influencia do nosso clima sobre as cordas vocaes.

Devemos comtudo, por isso que até hoje não teem apparecido vozes, abandonar completamente esse ensino e ficarmos no *laissez aller* criminoso em que temos vivido? Não nos parece.

Quanto á intervenção do Instituto, parece-me que bastava a fiscalisação dos methodos e a informação sobre os professores para cohibir todos os abuzos.

E' opinião nossa que se deviam aproveitar para ensinar nas escolas primarias os alumnos que tivessem o curso completo de solfejo e os tres primeiros periodos de piano do Instituto Nacional de Musica, escolhidos ou indicados pelo director do mesmo estabelecimento de como mais aptos para esse ensino.

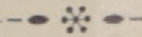
Hoje paga-se dois contos e quatrocentos a um professor de musica das nossas escolas e no Instituto ha muito alumno pobre, convenientemente preparado, que podia ser o arrimo da sua familia e encontrar na arte musical a que se dedicou um meio de vida digao, já que não pôde nimir aos logares de theatros subvencionados que não existem no nosso paiz, como na França, na Allemanha, na Austria, na Belgica, na Hespanha e na Italia.

Seria esse um estimulo para os estudantes de musica, para os quaes não ha futuro como o que existe para todos quantos se dedicam a outra ordem de estudos.

E ahí está por que nos acoimam de órgão official do Instituto. Porque, reconhecendo o valor do estimado artista que se acha á frente d'elle, porque vendo o quanto se podia tirar de partido d'esse estabelecimento que tão beneficos resultados tem sabido dar, vemos que uns e outros não são aproveitados como deviam ser e que, ao fazer-se uma reforma de canto, se põem de parte estes elementos tão valiosos pela filigrana de serem *federaes* e não municipaes.

Pobre arte brasileira ! Infeliz d'aquelle que a ella se dedica no nosso paiz !

Todas as vantagens reaes que podiam vir aos artistas de valor vão parar ás mãos dos afilhados, dos ignorantes e dos audaciosos !



Onze mil crianças esganiçadas

« Sr. Redactor da *Gazeta Musical*. — Com a epigraphé acima a *Gazeta de Noticias*, indubitavelmente nas melhores intenções, dedica o seu artigo de fundo, de hontem, em combater a idéa que teve o seu conceituado periodico de pedir a suppressão do ensino da musica nas escolas publicas primarias e jardins de infancia, aconselhando a adopção do *solfejo* de Garandé como meio de salvar as gargantas das crianças do esganecimento inevitavel.

E' possivel que o distincto articulista da *Gazeta de Noticias* seja excellente musicista, grande critico, compositor inspirado e mesmo cantor de *primo-cartello* ; professor de solfejo, entretanto, é que eu não creio que algum dia tivesse sido, visto não estar a par do movimento methodologico actualmente existente, como se evidencia do seu bem elaborado artigo.

O compendio indicado pelo preclaro articulista, por onde talvez aprendeu as primeiras noções de entoação, é antidiluviano, fossil, já está fóra da moda, já cahiu em exercicio findo. Actualmente são outros os adoptados, onde se pretende que o ensino da musica seja proveitoso e productivo. E' preciso que o eminente escriptor desconheça o solfejo de Ed. Baptiste (para não citar outros) com sua methodisação clara, com seus exercicios de uma belleza harmonica admiravel, para vir aconselhar a adopção de um livro presentemente reputado inutil por quantos se dedicam conscientemente ao ensinamento de tal materia.

O judicioso articulista ignora que desde 1881 era adaptado o compendio de Garaudé na escola normal ? Ignora, igualmente, que tal com-

pendio foi, é e será ainda por algum tempo, official nos collegios publicos e particulares do Brazil? Que muitas foram as edições feitas em portuguez para serem vendidas a preço barato e prazo longo á todos aquelles que se dissessem professores de solfejo? Não creio.

Qual foi o resultado de uma tal adopção? Que desenvolvimento teve o ensino com o uso obrigatorio de tal compendio?

Absolutamente nenhum.

O regulamento de 1881, da escola normal mandava que o ensino da musica fizesse parie da 2ª e 4ª series, podendo o alumno ser nomeado adjunto quando tivesse completado a 2ª serie.

Tal disposição fez com que nunca fosse possivel ao professor ensinar musica da 4ª serie (solfejo a primeira vista, transposição, conhecimento dos accordes, etc.) visto que o alumno, apenas adjunto, prote-lava indefinidamente a sua matricula naquelle curso, em vista da faculdade que tal regulamento lhe proporcionava.

Pergunto eu: apenas com as noções elementares obtidas na 2ª serie e constantes do solfejo de Garaudé; com um pouco de theoria rudimentar; sem conhecimento algum da transposição; sem um guia, que por seus propectos conselhos lhes mostrasse o methodo mais pratico a seguirem em tão ardua tarefa, quem poderá acreditar que taes adjuntos (na maior parte *simplificados* na materia e por isso pouco preparados) estivessem aptos para ensinar musica, mesmo o que fosse de somenos importancia como a tal artinha, por exemplo?

E' proverbial o pouco caso que os alumnos da escola normal prestam a este ramo de estudo, sendo raros os que, por amor á arte, por uma tendencia natural, vocação ou que nome tenha, se tem distinguido.

Emquanto o ensino da musica na escola normal, fonte perenne de onde sahe actualmente o professorado, não fôr uma realidade, completando os alumnos o curso inteiro, como determina o actual regulamento emquanto não houver bastante rigor nos exames, abandonando se as *notas* de classificação, não será possivel obter-se ensino proveitoso.

O alumno sabe ou não sabe, portanto as *notas* unicas deveriam ser *aprovado* ou *reprovado*. Desde, porém, que ha o *simplesmente*, o *plena-mente* e a *distincção*, tendo os alumnos, possuidores dessas notas, regalias iguaes, é claro que nada se poderá conseguir em proveito do ensino, porque o numero dos que sahem sabendo alguma cousa é insignificante.

O nosso clima não permite que seja usado o methodo apontado pelo distincto articulista, tal qual é, visto que as crianças e mesmo as alumnas da escola normal não podem fazer o intervallo de nona sem forçar a gar-

ganta, tendo em resultado o falsete nas ultimas notas. Tanto isto é verdade que eu, ha muitos annos, nas minhas lições, uso somente daquelle intervallo, mas no tom de *la* maior. Pois bem, mesmo com esse transporte alumnas ha que custam alcançar a ultima nota (que seria *si*) sem grande difficuldade !

Para que o ensino de solfejo não estrague as vozes, é indispensavel que os primeiros exercicios, durante alguns mezes, sejam feitos com o transporte para o tom de *lá* maior, fazendo-se outros transportes para *si*, *si* natural, até chegar ao tom em que foram escriptos os exercicios. Fóra disto é malhar em ferro frio, por que o esganiçamento é certo.

Que elementos têm os professores para esse transporte tão util quanto necessario ?

Vê o denodado articulista que o seu medicamento não corta o mal pela raiz, visto que não está elle nos compendios mas sim no defeito dos que, ensinando, esquecem as condicções physicas das crianças, e climatericas do nosso paiz, obrigando de tal sorte os jovens alumnos a cantar exercicios e canticos, cuja tessitura ultrapassa o seu pequeno registro natural e estraga para o futuro as poucas vozes que, por accaso, podessem ser aproveitadas.

Diz mais o provecto articulista que não ha necessidade de distrahir o director do instituto nacional de musica para a fiscalisação das aulas das escolas primarias, visto ser elle preciso á testa de seus multiplos affazeres, e que todos os inconvenientes apontados pela *Gazeta Musical*, podem ser remediados unicamente com os exercicios por elle indicados. Não ha tal.

Para tudo o governo tem fiscaes, exeepto para as aulas de musica.

Se os poderes publicos tivessem pensado algum dia em dar á musica um desenvolvimento real, urgente, para a educação artistica da juventude, teriam certamente, como ultra-necessario, um profissional, conhecedor da materia e da sua methodologia, criterioso, apto, emfim, para ir de escola em escola, ás horas certas das lições, fiscalizar, assistir as classes, aconselhar os professores o que de melhor deveriam seguir para o bom exito do ensino, etc., etc.

Mas, como de tal nunca se cuidou, ahi estão os noveis professores, entregues a si mesmo, sem nada poderem fazer, apezar da boa vontade existente nessa classe que tão bons serviços presta ao ensino primario ; que com tanto empenho e satisfação educa aquelles que, futuramente nos devem succeder, não obstante ser tão mal remunerada !

Ha, entretanto, os inspectores escolares que prestam serviços dignos de nota, mas que, por lhes faltar competencia na especialidade, nada fazem a respeito, nada podem adiantar, com quanto a sua reconhecida dedicação.

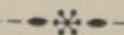
De tudo que fica dito verá o distincto e preclaro articulista que as minhas intenções, manifestando por tal fôrma minha opinião, tiveram por fim, unicamente, prestar um pequeno contingente para elucidação do assumpto ; comprehenderá o que penso a respeito do que até aqui se tem feito e o que se deve fazer para que tão bella arte tenha entre nós a mesma acceitação, o mesmo acatamento que tem nos paizes mais adiantados, onde ella faz parte integrante da educação, e é julgada de utilidade inestimavel não só para a modificação da indole do povo, como tambem precisa para as expansões da alma. Esperamos, pois, e em breve veremos o digno Conselho Municipal julgar de necessidade a criação de professores especiaes para as aulas de musica, desenho e gymnastica das escolas primarias.

Sou, Sr. redactor, de V., etc.

M. CARDOSO.

Professor de musica na escola normal da Capital Federal »

Rio, 10 de Março de 1893.



Moema

Opera em um acto. Musica e libreto do Dr. Francisco de Assis Pacheco Netto

O brasileiro é incontestavelmente um artista nato : mas é na musica principalmente que elle revella a opulencia de seu sentimento esthetico, o seu amor pelo bello, o seu temperamento impressionavel, e a esquisita vibratilidade de seu espirito.

De quando em vez, surge do seio da multidão um talento que se eleva mais que os outros, e que irradia os seus fulgores causando pasmo e admiração.

Ora é um cearense que apparece e que maravilha os seus proprios amigos, os seus intimos apresentando-lhes a *Marcha Funebre* em honra de Listz, essa composição estupenda, grandiosa concepção que não foi applaudida devidamente porque, dil-o-hemos com franqueza, era superior ao nivel da educação musical da platéa que a ouviu.

Ora é um pobre menino recolhido ao Asylo dos Meninos Desvalidos, que entra em um concurso para o hymno da proclamação da Republica, e que em lugar de um hymno nos apresenta a mais bella marcha triumphal e heroica que temos ouvido.

Ora é um timido mineiro, um menino que vem das brenhas de Minas Geraes escrevendo sonatas com o alevantado estylo de Bethoven, e intrepetando as do grande mestre com a seriedade e elevação de um artista consummado.

Agora é um moço paulista, bacharel em direito, que, sem abandonar os praxistas e as graves questões da jurisprudencia moderna, acha prazer em dedicar-se tambem à arte divina para a qual sente-se arrastado pela irresistibilidade de uma aptidão real, verdadeira e absorvente.

Assis Pacheco (pedimos permissão para chamal-o por este nome sem mais nada, porque os grandes talentos não precisam da decoração de titulos officiaes). Assis Pacheco, diziamos, escreveu a Moema em São Paulo em 1888, compellido pela necessidade de dar expansão a sua faculdade imaginativa excessivamente desenvolvida.

Como, porém, escrever uma opera, trabalho complexo e difficillimo se o artista possuia apenas os conhecimentos mais elementares da arte, aquelles que bastam unicamente para ensinar a dividir um compasso, e a entoar uma melodia, cujos intervallos não sejam extravagantes ?

A difficuldade era invencivel para todos, menos para elle que tinha o fogo sagrado, e que era illuminado por uma intuição maravilhosa. O nosso novel artista tinha apenas ouvido algumas operas de Verdi cantadas por uma companhia lyrica, e conhecia o *Guarany* da partitura de piano e canto.

Dispondo unicamente desse material, que na verdade era menos que sufficiente, metteu os hombros á obra ingente.

Começou por escrever um libretto em um acto, cujo resumo, com a devida venia, transcrevemos do *Jornal do Brazil* em outra secção do nosso jornal.

Feito isso, sentou-se ao piano e começou a compor a sua opera com verdadeira paixão. Algum tempo depois aquellas melodias estavam concatenadas e entretecidas por uma harmonisação bizarra e de um colorido estranho.

Já não era uma chimera, uma utopia a desejada opera ; a imagem vã tinha-se materialisado ; a phantasia tinha encontrado a sua realisação e a Moema existia.

Admiraram-na e elogiaram-na sem restricções todos que ouviram-na então, limitada aos insignificantes recursos de um piano.

Era preciso, porém, libertal-a de circulo limitado e por demais aca-nhado de uma partitura de piano e canto ; era preciso dar-lhe todo o desenvolvimento e amplial-a, adaptando-a aos multiplos efeitos de uma orchestra.

Essa nova tarefa não menos difficil, e que só pôde ser avaliada por aquelles que bem conhecem os mil segredos de uma orquestração, não desanimou o nosso estreante.

Para esse trabalho elle tinha este unico preparo : conhecia mal as posições da rabeca, pois, quando começou a aprender rudimentos de musica, fizeram d'elle um segundo violino para tocar nas solemnidades de igreja em Itú.

Apparelhado unicamente com essas posições do violino, sem conhecer ao menos as escalas dos instrumentos de madeira e de metal, sem saber como aproveitar o seu timbre, sem ter a mais ligeira noção de sua tessitura, elle julgou resolver o grande problema dirigindo-se á *Casa Apollo* e comprando um tratado de orquestração de Berlioz.

Os nossos leitores certamente rir-se-hão deste episodio, pois, não é lendo esse livro de Berlioz que se pôde orquestrar uma opera, assim como não é com a simples leitura de um compendio de pathologia que se pôde ser um clinico.

Esquecem-se, porém, de que se trata de um predestinado, de um privilegiado pelo talento, que possui por uma intuição natural os conhecimentos que os outros só conseguem com o esforço de acurado estudo.

Assis Pacheco orchestrou, pois, a sua *Moema*, de um modo admiravel, aproveitando e salientando com os efeitos orchestraes a belleza daquellas phrases apaixonadas, dando-lhes vigor, colorido intenso e variado, e ornamentando-as com muita habilidade.

A opera, finalmente, foi cantada em S. Paulo em 1890 sendo muito applaudida.

O circulo, porém, era muito pequeno, e o artista precisava ser admirado e applaudido em arena mais vasta, onde o seu talento recebesse uma consagração definitiva. Os seus amigos pensavam em fazer cantar a *Moema* no Rio de Janeiro, e a *Casa Apollo* encarregou-se da realisação desse projecto, recebendo nessa occasião das mãos do auctor as partituras e partes cavadas, reservando este cautelosamente para si o borrão a lapis, da primitiva partitura de piano e canto.

Essa cautella foi verdadeiramente providencial, porque a *Casa Apollo* não conseguiu o seu desideratum, e extraviaram-se todas as partituras e partes cavadas da *Moema* no Theatro Lyrico desta cidade.

Vindo fixar aqui sua residencia, Assis Pacheco foi convidado a fazer cantar a *Moema* no theatro *Recreio Dramatico*, quando Dias Braga iniciou uma série de espectaculos lyricos para vulgarisação de operas.

Sobre aquelle borrão a lapis da partitura de piano e canto Assis Pacheco reconstruiu a sua opera, orchestrando-a de novo de accordo com os limitados recursos da pequena orchestra daquelle theatro.

Nessa occasião, porém, Dias Braga foi obrigado a interromper esses espectaculos pela concurrencia vantajosa que lhe fazia a Companhia lyrica Sanzone que acabava de chegar.

Sabendo do occorrido o Sr. Sanzone, com um desinteresse só igual ao seu cavalheirismo, offereceu-se a Assis Pacheco para fazer cantar a *Moema* pela sua Companhia.

Mil incidentes, que seria fastidioso referir, occorreram então, embaraçando essa resolução, até que finalmente, depois de vencidas innumeras difficuldades, foi cantada a *Moema* no theatro Polytheama Fluminense na noute de 11 do corrente.

A estação lyrica, porém, já estava terminada, a orchestra e cantores já estavam fatigados, muitos artistas tinham-se já desligado da Companhia, os ensaios foram poucos e difficientes e a execução deixou muito a desejar, apesar da boa vontade de todos.

Todavia a opera foi muito applaudida e o seu autor e cantores chamados á scena diversas vezes.

Pelo que acabamos de narrar conclue-se naturalmente que a *Moema* é uma opera imperfeita; essa é a verdade. O que, porém, enche-nos de pasmo, é que essas imperfeições desaparecem completamente pela luminosidade do talento superior que se revela em toda a composição.

Dirão talvez que a novidade bizarra daquelles accordes estranhos na successão, é procurada propositalmente. De accordo; mas é innegavel que o seu effeito é assombroso e certo, portanto o autor conseguiu o seu fim.

As melodias são não só inspiradas, como distinctas, pela sua elevação e admiraveis pela sua continuidade, o que denota um temperamento artistico de eleição, tonificado por qualidades mui pouco communs.

A harmonisação tem todos os encantos do imprevisto e arrebatada a imaginação do ouvinte para uma situação sempre nova.

Dotado de uma grande espotaneidade, pois as suas melodias são opulentas e continuas, e de grande originalidade, pois não se percebem nelle moldes alheios, Assis Pacheco tem, sobretudo, um sentimento

profundo e pessoal, e um grande vigor dramatico, que muito poucos poderão igualar.

Desejariamos mostrar especialmente, em analyse, as bellezas de alguns trechos do *spartito*, mas o espaço de que dispomos está esgotado.



A temporada lyrica de 1892 no Rio de Janeiro

(VERDADES QUE NÃO FORAM ESCRIPTAS)

(Conclusão)

Já o dissemos : Camera, um dos principaes artistas da Companhia Ducci & Ciachi.

Yago, Nelusco, Amonasro, Barnaba, Volfram e outros personagens obtiveram nitida, admiravel e verdadeira interpretação deste joven, modesto e sympathico artista.

O publico prestou-lhe justas homenagens em repetidas e freneticas ovações.

Bravo !

..

Fizeram parte de tal Companhia Lyrica, Suagnes (tenor muito agradável, muito afinado, que nos deixou as suaves recordações do *spirto gentil* da *Favorita*, que elle cantou lindissimamente, valendo-lhe uma salva de palmas da sala inteira ; Astillero, barytono regular e de quem se deve esperar muito ; Nicoletti, baixo cantante, correcto e tambem promettedor de futuras victorias. A Sra. Sthel (soprano ligeiro) cantora notavel e *nitida*, na phrase de um nosso critico popular ; Leonardi senhora tragica e mais ou menos *delormica* no tocante a perfeições physico-plasticas ; Santarelli, muito bonita, muito risonha ; dentes alvos, e voz agradável. Mas que bellos dentes ! ?

Córos bons. Oschestra boa, podendo ser excellente, si não fosse o desequilibrio rediculo entre cordas e metaes, e principalmente das cordas entre ellas mesmas.

Mise-en-scène, assim... mesmo porque, quem não tem cão caça com gatos, e de resto, a gente não vae ao *Lyrico* para ouvir... scenarios.

E' esta, pelo menos assim penso eu, a opinião dos Srs. Ducci & Chiachi; aos quaes, mais uma vez os meus applausos, os meus sinceros

e abundantes applausos; mais a gratidão de um *dilettante* ou amator obscuro, e despretencioso, por terem os esforçados empresarios porporcionado emfim, nesta terra de criticos por todos os lados, criticos a cantaros, aos que professam a religião da arte, cinco magnificas audições do *Tanhausser* de Wagner.

E, se me esqueci de Tansini, por isso que não tenho á mão os artigos transactos, para verificar si fallei algo desse notavel artista, deixo aqui uma resalva :

Tansini—um dos melhores baixos que tenho ouvido no Rio de Janeiro.

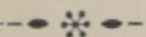
O seu trabalho na *Hebréa* foi um triumpho ; e será um attestado brilhante da sua justa estabilidade artistica.

∴

Parece, conforme as ultimas noticias, que Mancinelli e Gabbi estão contractados para a proxima estação lyrica.

E' o caso de se pedir ao Sr. Maneinelli o obsequio de não consentir que a *Africana* de Meyerbeer, fique para o fim...

ASSIS PACHECO.



Noticias do estrangeiro

— Lè-se no *Magazine of music*, de Londres :

« O Sr. Joachim tem em seu poder uma sonata para piano e violino, composta em 1853 e que provavelmente nunca foi executada aqui. A sua historia é curiosa.

Joachim havia sido annuciado para um concerto em Dresda, e a sonata foi composta nessa occasião e como surpresa humoristica dirigida ao grande violinista Dietrich escreveu o *allegro* em *la* menor, Schumann o *intermezzo* em *fa*, Brahms o *allegro* em *do* menor e Schumann completou a obra com um final em *la* menor e *la* maior.

∴

Por decreto real e desejo da rainha da Italia, querendo testemunhar interesse e sympathia, foi o famoso quintello Szambati, composto de Szambati, Manachesi, Massi Jacovacci e Furino. auctorisado a tomar o titulo de *Quintetto da corte de S. M. a Rainha*.

PAPELARIA CARVALHAES

55, Rua dos Ourives, 55

Grande sortimento de objectos de escriptorio Lindas collecções de chromos.

CARVALHAES & C., RIO DE JANEIRO**FREDERICO GUIGON****PIANOS**Vende, concerta, aluga e afina
9, Rua dos Ourives, 9**M. N. MOREIRA PARANHOS****PIANOS**Vende, aluga, concerta e afina
Rua 7 de Setembro, 155**CAMISARIA ESPECIAL****53, RUA DO OUVIDOR, 53****ALVARO BRAGA****A. LEBRETON & C.**Casa especial em concertos de pianos
Afina, vende, troca e aluga**77, Rua do Rosario, 77****FREDERICO DO NASCIMENTO**

Professor de violoncello e harmonia

Recados: rua da Quitanda, 42

A CASA MILLIETTendo augmentado consideravelmente o seu
sortimento de todos os artigos de**OURIVESARIA, CHRISTOFLE, CRYSTAES E
PORCELLANAS FRANCEZAS**está habilitada a fazer grandes fornecimentos
tanto para particulares como para hotéis, botequins
collegios, etc.**IMPORTAÇÃO DIRECTA — PREÇOS SEM COMPETENCIA**As vendas por grosso dos *Talheres de Christofle*
têm desconto especial.**19, RUA DOS OURIVES, 19**

PORTA TUNNEL

IGNACIO PORTO-ALEGRE

PROFESSOR DE THEORIA MUSICAL

46, Rua Marquez de Olinda, 46**CASA AMERICANA**Armazem de moveis americanos, francezes
austriacos e allemães**ARTIGOS DE FANTASIA, USO DOMESTICO E LAVOURA****B. M. de Carrazedo Junior**

40, Rua da Quitanda, 40

PIANOS E MUSICAS**FERTIN DE VASCONCELLOS & MORAND, RUA DA QUITANDA, 42
RIO DE JANEIRO****A. M. AFFONSO PIRES**

AFINADOR E CONCERTADOR DE PIANOS

Recados: rua do Rosario, 77

A ESTACAO
JORNAL DE MODAS PARISIENSES
Dedicado ás Senhoras Brasileiras

18 cada numero

CORTE
UM ANNO
18\$

PROVINCAS
UM ANNO
20\$

MODAS, VESTUARIOS
PARA SENHORAS
E CRIANCAS,
TRABALHOS DE AGULHA
ETC.

BELLAS ARTES
LITTERATURA,
REVISTAS DO
MUNDO ELEGANTE
NOÇOES DE ECONOMIA
DOMESTICA.

Editores Proprietarios
LOMBAERTS & CIA
7 RUA DOS OURIVES 7
RIO DE JANEIRO

XIVº Anno

NOVIDADES MUSICAES**Lamento, devaneio para piano por
Leopoldo Miguez.****15 de Novembro, marcha militar por
I. Porto-Alegre.****NO PRELO****Moema, opera em 1 acto de Assis
Pacheco.****Duetto de Paulo e Moema, redução
para piano pelo autor.****Minuetto, de I. Porto-Alegre.****CASA EDITORA****FERTIN DE VASCONCELLOS & MORAND****42, RUA DA QUITANDA, 42**